

aCarta

Publicação periódica da ACP

Como se forma um analista?



Associação
Campinense
de Psicanálise

2021

Sumário

Editorial

Como se forma um analista?

Regina Steffen Pág. 3

Artigos

A Escola e as diferenças entre formação psicanalítica e universitária

Lucia Bertazzoli Pág. 7

Os três eixos da formação do analista

Regina Steffen Pág.10

Dois ditos lacanianos: seus usos e abusos

Regina Moran Pág. 14

Passe – Sobre o pertencimento

Patrícia Possato Pág. 18

Fim de análise

Walkiria Grant Pág. 20

Sobre meus passos

Simone Teller Camargo Pág. 23

Verificação ortográfica- Mariana Tachinardi Mizurini

Como se forma um analista?

Regina Steffen

Na abertura das atividades de estudo do ano de 2021, a ACP promoveu uma Mesa Redonda na qual os Analistas da ACP debateram o tema da Formação do Analista com os Analistas Praticantes que, aqui em nossa instituição, são analistas em diferentes momentos de sua formação analítica.

A presente edição d'aCarta traz os textos através dos quais cada um dos analistas apresentou um aspecto relevante da formação analítica, conforme proposto por Lacan em seu retorno à obra de Freud.

A formação do analista tem particularidades que a diferem de qualquer outra formação profissional. Normalmente os interessados em psicanálise desconhecem essa especificidade.

Aqueles que procuram a ACP para estudar psicanálise, são em sua maioria, recém-formados em psicologia ou profissionais das mais variadas áreas do saber. Quase sempre estão interessados em tornar-se analistas, ou muitas vezes já se declaram analistas formados, com certificado e carteirinha fornecidos por cursinhos de formação que proliferam atualmente, demandando nesses casos, associar-se à ACP para receber indicação de pacientes e, talvez, a chancela de uma instituição psicanalítica para a clínica que já exercem. A psicanálise com a qual tiveram contato é, via de regra, superficial, resumida, quase caricata.

É natural que uma faculdade de psicologia apresente diferentes teorias sobre o psiquismo humano e a psicanálise entra aí como mais uma “linha” teórico-clínica dentre tantas. Não é função de nenhuma faculdade de psicologia formar analistas, e o psicólogo tem que conhecer, em sua graduação, tudo quanto já foi proposto em sua área de atuação. É dever da faculdade de psicologia, apresentar o quadro amplo das possibilidades de tratamento psicológico, sem formar especialistas em nenhuma das áreas ali apresentadas. Cabe ao futuro profissional escolher a área para se aprimorar.

Egressos das faculdades de psicologia e dos cursos de “formação em psicanálise”, via de regra confundem a clínica da psicanálise com uma psicoterapia. Julgam, então, que se estudarem um pouco mais de psicanálise, aprimorarão sua atuação psicoterápica.

A clínica da psicanálise não é uma psicoterapia, pois não visa curar. Ela não é uma terapia do psiquismo e sim, uma análise das partes componentes da estrutura psíquica. Trata-se de análise que decompõe (como na análise química) e reestrutura o psiquismo. A psicanálise se propõe investigar¹ a estrutura psíquica subjetiva, partindo da queixa sintomática do analisante, para promover uma mudança estrutural na subjetividade, uma ressubjetivação que corresponde a uma mudança da posição subjetiva de forma que o sintoma, até então necessário como uma resposta possível daquele sujeito a um conflito interno, se torne desnecessário. A cura, então, quando acontece, se dá por acréscimo e não como a restituição do estado de saúde anterior. Para a psicanálise, o sintoma sequer é entendido como o são as

¹ No texto “O Futuro de uma Ilusão” (p. 2981) Freud, negando que a psicanálise constitua uma visão de mundo como é o caso da religião, afirma: “a psicanálise é um método de investigação...”.

patologias na psicologia, herdeira da visão médica de doença. Para a psicanálise, normal e patológico não são polos opostos na linha da saúde.

A depender do campo epistêmico (médico ou psicanalítico) no qual o sintoma é tomado, clínicas diferentes se estabelecem, de tal forma, que fazer uma análise não é a mesma coisa que fazer uma terapia de orientação analítica, pois o manejo clínico da psicanálise é diferente daquele das psicoterapias. Uma análise é o que um psicanalista faz, ao passo que uma psicoterapia é obra de um terapeuta. E isso não é meramente tautológico.

Psicanalista e psicoterapeuta são clínicos formados de modos distintos. O roteiro que ambos têm que seguir na formação é o mesmo: passar pelo processo clínico, estudar determinada teoria para capacitar-se para o exercício técnico e submeter sua atuação clínica à supervisão de um profissional mais experiente. Se esses três eixos roteirizam a formação do terapeuta, tanto quanto a do analista, onde reside a diferença que, ao final, terá produzido clínicas radicalmente tão diversas? A diferença está no tipo de formação: acadêmica e a analítica. A formação acadêmica forma todo e qualquer profissional (aí incluído o terapeuta), ao passo que a formação do analista, específica da análise, funda esse novo campo epistêmico. Foi Freud quem fundou a psicanálise como um campo específico no tratamento de sintomas até então tratados, sem sucesso, pela neurologia. A psicanálise se dedicará a tratar o refugo, o rebotalho, aquilo que a medicina desprezava por considerar sem sentido, sem valor. Freud recolhe esse resto que, justamente, é um resto da constituição do sujeito cartesiano, o sujeito moderno que inaugura a ciência a partir de Descartes.

Para se estabelecer como ser pelo pensamento, a operação cartesiana que trouxe à luz o sujeito que se sabe ser (penso, logo existo), precisou deixar de fora, como um resto do cálculo, a verdade relegada ao Deus que a garante, verdade que o sujeito desconhece, que não lhe diz respeito, da qual seu saber está apartado. Da divisão do saber e da verdade que não se sabe (*Unbewusst, o inconsciente*), nasce o sujeito moderno. A ele cabe saber e sua ciência o conduzirá à verdade que não lhe pertence, que não lhe diz respeito. A ciência é o meio de desvendar a verdade das leis da natureza, que não dependem do sujeito sempre rigorosamente fora de seu objeto. Não perguntamos quem estabeleceu tais leis porque a resposta a essa pergunta nos conduzirá inevitavelmente à constrangedora ideia de um Deus Garantidor das verdades eternas. O objetivo ignorado da ciência tem a dimensão prometeica de conquistar das mãos desse Deus, cada vez mais, um pedaço da verdade das leis naturais, objeto que, sem saber, a ciência depositou Nele. A divisão que sustenta a ciência entre sujeito que sabe e objeto a ser sabido está fundamentada na divisão subjetiva descoberta por Freud e denominada “inconsciente” (*Unbewusst*). O sujeito humano é dividido entre o que ele sabe ser (consciente) e o desconhecido, o inconsciente, esse outro palco da subjetividade, que guarda a verdade daquilo que o sujeito nada sabe, daquilo que ele não reconhece como seu, daquilo que ele considera um Outro absolutamente estrangeiro.

A fundação do sujeito cartesiano permitiu o florescimento da ciência moderna. As universidades floresceram e o modo acadêmico de transmissão do conhecimento se tornou o modelo da formação profissional.

Freud entra em cena no final do século XIX, quase trezentos anos depois do nascimento do sujeito moderno, recolhendo os sintomas que se avolumavam na forma do retorno do recalcado, retorno daquilo que ficou de fora da subjetividade e que a ciência professa como pertencente ao objeto externo, do qual o sujeito está excluído no fazer científico. Aquilo que é externo ao sujeito, aquilo que é da ordem da verdade das coisas, aquilo que é objeto e não

sujeito, volta na vida do sujeito na forma de incômodo, sofrimento, sintoma. É neste campo que o psicanalista vai operar. O psicanalista opera num campo no qual objeto e sujeito são elementos de uma mesma estrutura. Diferentemente do objeto da ciência, na psicanálise, o objeto é causa da divisão constitutiva do sujeito. Aqui, o objeto tem tudo a ver com o sujeito, e seu manejo implica necessariamente a subjetividade. Como formar um psicanalista nos moldes acadêmicos, então? A academia é a casa da ciência. Os profissionais são aqueles que aí são treinados para conhecer e praticar as diferentes profissões. Freud dizia haver três profissões impossíveis: governar, ensinar e psicanalizar². Impossíveis de serem transmitidas a contento pela academia; profissões impossíveis pois é impossível formar esses profissionais. Não se pode ensinar a ensinar, a governar, nem a psicanalizar. Essas não são profissões. Elas são ofícios. Ofícios são parentes próximos das artes. A psicanálise não se ensina, ela se transmite.

Será Lacan quem irá chamar a atenção para essa dimensão da psicanálise. Seu aparecimento no cenário psicanalítico se deu pela denúncia que ele foi levado a fazer dos desvios que a psicanálise havia tomado, em meados do século XX. A psicanálise praticada então, estava sequestrada por uma espécie de burocracia, quase acadêmica, que lhe tirava o valor de subversão que havia sido revelado por Freud. Perdera-se, com isso, o caráter disruptivo da psicanálise, agora transformada numa “psicologia do ego”. Sua proposta é, então, proceder a um retorno a Freud, um retorno à essência da psicanálise.

A própria formação do analista será revista nesse retorno. Ela havia pouco a pouco se tornado acadêmica. Professava-se uma análise didática diferente da análise pessoal. Esse caráter didático inseria o mestre universitário no consultório. Ali não se fazia mais análise pura e simples, mas análise didática. Entra em cena o didatismo daquele que sabe e que ensina aquele que não sabe. Este é pressuposto correto da universidade, porém não se aplica ao analisante. Como partir do princípio que ele não sabe? Se o saber da verdade não é sabido do sujeito, sendo dele desconhecido (*Unbewusst*), quem sabe, então? O analista? Neste caso, o analista seria tomado como o mestre universitário e a análise se tornaria didática.

Lacan dirá que não há dois tipos de análise. A análise é só, e sempre, pessoal. E mais: toda análise, se lavada a cabo adequadamente, sempre forma um analista. Isso não quer dizer que ao final de toda análise, o sujeito vai sempre escolher trabalhar como psicanalista. Mas, toda análise levada até seu fim, produz a transformação na estrutura desejante necessária para a condução adequada de uma experiência de análise. O sujeito é convocado como responsável em sua (trans)formação. Ele não é o aluno passivo a ser adestrado pelo mestre. É de um ato subjetivo que a estrutura depende para se transformar. Formar-se analista é ato de transformação subjetiva que habilita o analisante a haver-se com a verdade até então desconhecida e que agora, pela análise, ele reconhece como sua. Esse é o ofício da análise que não se ensina, mas que se transmite por um saber-fazer que o analisante inventa num ato de passagem (de analisante a analista). Analista é o próprio analisante nesse ato de passagem, ato de ultrapassagem. O analista é a transformação subjetiva em ato. Nada há de didático, acadêmico, nesse processo. Nenhuma formação acadêmica opera dessa forma.

Nos textos a seguir, os analistas da ACP apresentarão algumas considerações sobre os principais aspectos da formação do analista. Quais operadores conceituais sustentam sua especificidade?

² Freud, S. *Analisis Terminable e Interminable* (1935) in *Obras Completas*, Biblioteca Nueva, Tomo III, Terceira Ed., Madrid, p.3361.

Lúcia Bertazzoli (analista da ACP) abordará a diferença entre os conceitos de Escola e Universidade, para situar a diferença do ensino universitário frente ao ensino característico da formação analítica.

Regina Steffen (analista da ACP) tratará de esmiuçar os três eixos que sustentam a formação do analista (análise pessoal, estudo e supervisão), considerando a dimensão na qual eles operam na transmissão da psicanálise.

Regina Moran (analista da ACP) dará destaque para a diferença entre o desejo de ser analista e o conceito lacaniano denominado Desejo do Analista.

Desse conceito, identificado por Lacan na transformação da estrutura desejante do sujeito ao final de sua análise, nasce o aforismo lacaniano: “O analista autoriza-se por si mesmo”³... “e por alguns outros”⁴, fonte de tantos equívocos, especialmente quando se ignora a dimensão desses “alguns outros” como parte integrante da subjetividade.

Patrícia Possato (analista da ACP) fará algumas considerações sobre o mecanismo do Passe instituído por Lacan para que esses “outros”, aos quais o aforismo faz menção, testemunhem a passagem havida na (trans)formação ao final da análise.

Walkíria Grant (analista da ACP) apresentará um texto no qual dá um testemunho de seu final de análise, um tocante exemplo de uma (trans)formação que uma análise conduz na subjetividade, indo do desconhecido que é impasse ao saber fazer com isso que liberta.

Simone Teller (analista praticante da ACP) fará uma reflexão sobre a formação do analista a partir de uma análise de seu percurso como analista em formação na ACP, destacando a diferença entre a formação que se oferece e aquela que o sujeito demanda no tempo de uma formação já, então, em curso.

Esperamos que estes textos, assim como os debates da mesa redonda que os precederam, possam despertar o desejo de um maior aprofundamento nesta questão que aqui apenas se delineia.

Março/2021.

BIBLIOGRAFIA:

- Freud, S. El Porvenir de Una Ilusion (1927), in *Obras Completas*, tomo III, Terceira Edição, Biblioteca Nueva, Madrid.
- *Idem*, Analisis Terminable e Interminable (1937), in *Obras Completas*, tomo III, Terceira Edição, Biblioteca Nueva, Madrid.
- Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, in *Outros Escritos*, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2003.
- *Idem*, *Les non-dupes errant – Seminário 22* (1974), inédito.

³ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola, in *Outros escritos*, p. 248.

⁴ *Idem*, *Les non-dupes errant - Seminário 22* (1974), inédito.

A Escola e as diferenças entre formação psicanalítica e universitária

Lucia B. Bertazzoli

É muito bom ver vocês aqui hoje e atestar que a Causa Psicanalítica está a todo vapor: passados quase 120 anos da primeira proposta de formação do analista, feita por Freud, estamos ainda refletindo sobre isso, e nos encontramos aqui hoje, neste encontro virtual, no meio de uma pandemia severa, para falarmos do que se trata quando mencionamos a formação do analista.

Vamos refletir sobre a especificidade dessa formação tendo em mente questionarmos qual é o nosso papel na causa analítica, qual o nosso posicionamento frente à psicanálise: que lugar queremos ocupar nela?

O ser do psicanalista

O *ser* do analista habita a pessoa do analista, mas não se confunde com ela, então, de onde ele vem, como se constitui, como se forma, ou, como se trans-forma? Transformar, do latim, prefixo “*trans*”: *para além..., através de...*

A Universidade

Em psicanálise usamos o termo “formação” em um sentido outro que o comumente entendido na formação universitária. No mundo acadêmico como o entendemos hoje, a escolha profissional, mobilizada por elementos identificatórios da ordem do sintoma, conduz a uma formação acadêmica cujo percurso pré-determinado por mestres, autoriza, ao seu final, a prática de um aprendizado. “Estou formado”, “Em que você se formou?” E perguntamos: “*fazer engenharia garante que haja ali um engenheiro?*”

Da mesma forma, na Escola de Freud, a que hoje conhecemos como IPA – Associação Internacional de Psicanálise, o que forma um analista e o autoriza a praticar a psicanálise como profissão é um percurso de estudos, de análise didática e de supervisão que, atestado por um psicanalista designado (odidata), referenda a escolha do candidato. Segue nos moldes do ensino universitário onde o aluno escolhe previamente que profissão quer exercer e se capacita para ela. E perguntamos: “*seguir as regras da padronização mundial da IPA garante que haja aí um analista?*”

Não se trata disso a formação psicanalítica lacaniana, aquela que ocorre dentro dos muros de uma instituição, como é o caso da ACP; falamos em formação do psicanalista a partir da transmissão. Transmissão da psicanálise. Transmissão, palavra que vem do latim, *transportar, transferir, transpor, trans: para além..., através de...*

E perguntamos: “*transmissão de conhecimento ou de saber?*”

Faço aqui um parêntese para resgatar, com Forbes (1992), as ideias em torno do tema Escola, considerando-a como um pensamento: Escola nos remete às Escolas da Grécia Antiga, com um mestre como referência, a Escola de Pitágoras, de Sócrates; à Universidade nos referimos por seus lugares, Universidade de Bolonha, de Paris. Na

universidade há a licença para entrar, aprender, ensinar e encerrar o estudo como numa caixa estanque. Na Escola não existe uma licença possível, para um psicanalista não existe um diploma possível, a formação do analista é permanente. Na universidade busca-se uma técnica, um saber fazer. A Escola não ensina como fazer, porém se preocupa com o “*savoir-y-faire*”, que é o “saber viver” com o real que nos impacta. A universidade busca a união, o uno, o todo, forcluindo o Real. A Escola, acolhendo o Real, dá lugar à diversidade, à diversão, permite a di-versão, privilegiando a relação com o saber. Na Escola a transmissão é feita com a transferência, ela não esconde o sujeito e, sim, o nomeia. A universidade o uniformiza. A universidade é uma realização do “mal estar na civilização”, a Escola é um refúgio a ele.

E perguntamos: *por que estar em uma Escola?*

A Escola de Freud

Desde muito cedo, Freud preocupou-se em proteger a psicanálise da civilização, em constituí-la como uma Escola de pensamento independente de outras disciplinas. Já em 1902 cria a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, constituída preferencialmente por membros não médicos, esperando com isso que ela permanecesse em seu próprio campo, que não se tornasse propriedade de qualquer outro saber, especialmente da medicina e da psiquiatria. Ele criava a Escola Psicanalítica e preocupava-se desde então com a questão da formação dos analistas, determinando que a análise pessoal era recomendável para quem quisesse ouvir pacientes. Esse grupo deu início ao que seria, anos mais tarde, a IPA.

Lacan pertenceu à ela e dela tornou-se dissidente na década de 50, criticando seus fundamentos e apontando para o que seria um esquecimento, um desvio dos ensinamentos freudianos. Propõe recolocar a psicanálise no caminho freudiano a partir de uma volta aos ensinamentos primordiais de Freud, propõe o retorno à Freud.

A Escola de Lacan

Lacan entendia que o analista deveria estar entre seus pares e que para eles desse provas de sua competência e de seu envolvimento com a causa analítica. Ao romper com a IPA, propõe a Escola como o lugar privilegiado de reconhecimento e com a dupla função de assegurar a manutenção da Psicanálise e formar analistas.

Lacan fundou a Escola Freudiana de Paris em 1964, e três anos depois, em 9 de outubro de 1967, apresentou sua *Proposição sobre o psicanalista da Escola* (LACAN, 2003), de onde separamos aqui algumas reflexões sobre seus principais pontos ressaltando que, decorridos mais de 50 anos, muito já foi questionado e dito sobre isso e, no entanto, nada de novo surgiu; suas proposições prevalecem nas inúmeras Escolas disseminadas mundo afora, com algumas modificações singulares a cada uma delas, ainda que continuem a ser questionadas.

- Haveria um primeiro psicanalista que faz Escola e abre a série dos que o seguem, analistas que devem dar provas de que são de sua Escola e são por ela reconhecidos. São os analistas da Escola.

- A Escola autoriza um psicanalista por sua formação e responde por ela, é lugar de transmissão, lugar de transferência de trabalho (analítico), que se opõe ao amor de

transferência: atesta a passagem do trabalho alienado ao Outro do início da análise ao trabalho que o desejo de saber produz, ao fim da análise, o desejo do analista. Lacan (2003) diz: “*A transmissão da psicanálise ocorre na transferência e seu ensino só é transmissível pelas vias de uma transferência de trabalho.*” Em uma Escola, há a transferência de trabalho entre seus membros a partir do estudo, da supervisão e da discussão de casos pela interrogação possível que estes espaços engendram no analista em formação. Tendo ao lado a análise pessoal, longe de ser um estudo baseado nas identificações imaginárias das formações de grupo visando o entendimento, a Escola propõe uma constante interrogação da posição subjetiva frente à psicanálise e seus propósitos. É o desejo de analista posto à prova permanentemente e em tempo integral.

- “*O analista só se autoriza de si mesmo - isso não exclui que um psicanalista depende de sua formação*”: este princípio rompe com o modelo tradicional da IPA, em três pontos: uma análise didática não produz necessariamente um analista; uma análise não é didática por ter sido operada por um didata; um analista não se autoriza pelo seu psicanalista. (LEITE, 1992).

Um analista autorizar-se de si mesmo exclui o analista didata, o que não significa que uma análise não seja didática. Ela o é porque ao seu fim há a “passagem do psicanalisante ao psicanalista”. O sujeito ao fim da análise é outro. Para Lacan, psicanalista é o que se produz numa Psicanálise mediante uma passagem. É a transmissão psicanalítica onde ela deve acontecer... no divã, e que trans-forma o sujeito, joga-o para-além, para a sua relação com um saber que o ultrapassa, ou seja, algo que existe sem que ele o saiba, um saber que só aparece no engano do sujeito. *Saber, não conhecimento.*

Leite (1992) conclui: “*se o psicanalista é o que uma Psicanálise produz mediante uma passagem, não se pode verificar um psicanalista, mas somente psicanálises.*” Lacan propõe o passe como o dispositivo que atesta duplamente o momento que o psicanalisante em sua análise vira psicanalista e, também, o procedimento institucional que verifica essa passagem.

Mais tarde, após o congresso de 1978 da Escola Freudiana de Paris cujo tema era “A transmissão”, Lacan conclui que a psicanálise é intransmissível e que cada analista é forçado a reinventá-la pelo passe.

Referências Bibliográficas:

FORBES, J. *A Escola de Lacan: A Formação do Psicanalista e a Transmissão da Psicanálise.* Campinas: Papirus, 1992.

LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola.* In Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEITE, M. P. S. *As propostas da proposição.* In Jorge Forbes (org), *A Escola de Lacan: A Formação do Psicanalista e a Transmissão da Psicanálise.* Campinas: Papirus, 1992.

Os três eixos da formação do analista

Regina Steffen

Lacan surge na cena da psicanálise através das duras críticas que faz à clínica psicanalítica praticada em meados do século passado. Essa clínica desvirtuada decorria de um entendimento teórico deturpado da descoberta freudiana, questão que implica de perto a formação do analista.

A acusação que ele faz aos pós-freudianos é de terem gradualmente anulado a virulência do inconsciente, domesticando o desejo na forma de uma vontade perfeitamente realizável.

O caráter disruptível do desejo inconsciente se esvai pela ação de um ego forte capaz de dominá-lo. Uma vez atingido o desenvolvimento pleno da fase genital, o amor oblativo garantiria a fusão dos amantes. Não encontrar esse paraíso perdido seria sinal do neurótico, cujo impedimento se deveria ao caráter doentio do recalque. Mas, esse mal-estar poderia ser revertido pela análise conduzida por um analista formado na burocracia da análise didática, capaz de transformar o analista num modelo ideal a ser oferecido para a identificação do paciente.

A psicanálise, cuja descoberta reside na subversão do sujeito da consciência, havia se transformado numa “psicologia do ego”, cujo objetivo era fortalecer as defesas do ego para que o lixo jogado no inconsciente não desse mais as caras. Tratava-se de fechar bem a lixeira, dominar o id e fortalecer o ego.

É diante de um tal cenário que Lacan vai propor seu famoso “retorno a Freud”, retorno aos textos de Freud - que naquela ocasião já nem eram mais lidos - a fim de recuperar a essência da descoberta freudiana. Essa volta aos textos originais dará início ao ensino lacaniano que se estendeu por mais de 30 anos, sem nunca ter abandonado esse objetivo. Não se tratava de considerar o texto de Freud como um texto sagrado a ser repetido com subserviência religiosa, mas de fazer uma volta completa até a recuperação da origem subversiva da psicanálise e isso contando com todos os recursos aos quais Lacan tinha acesso em seu tempo, que já não era mais tempo de Freud. Outros saberes estavam em cena agora. Freud havia inaugurado um saber específico sobre a subjetividade. Tratava-se, então, para Lacan, de recolocá-lo em seu lugar único, sem confundi-lo com a psicologia, a medicina, a filosofia, as ciências sociais...

No coração dessa odisseia está a questão da transmissão da psicanálise. Transmitir a psicanálise implica tanto o ensino teórico quanto a formação do analista. Como se ensina psicanálise? Como se forma um novo analista?

Em todas as formações acadêmicas, se o aluno cumprir o programa de estudos, ao final de um prazo definido de antemão, ele estará formado. Ao final do curso o aluno terá acumulado suficiente conhecimento em determinada área do saber e terá aprendido a desempenhar uma técnica específica que outros mais experientes lhe ensinaram. Seu diploma o autorizará a praticar sua profissão.

Nada disso é válido para a formação do analista. Muito embora a psicanálise possa ser transmitida como um conhecimento acadêmico, isso não forma um analista, cuja autorização nunca é dada por um diploma ou um certificado. Não se certifica um analista por ele ter cumprido algum programa de estudo, ter feito certo tempo de análise e outro tanto de supervisão. A formação do analista não se resolve pelo cumprimento de um programa acadêmico.

Em seu retorno a Freud, Lacan traçará as linhas mestras dessa formação: análise pessoal, estudo teórico e supervisão da prática clínica.

Quanto à análise, Lacan vai postular que ela não se divide em didática e pessoal. Ela é sempre **análise pessoal** que, levada a cabo, se verifica didática, o que não significa que ela sempre produza um analista voltado à prática clínica, mas ao final de qualquer análise pessoal, está-se em presença de uma estrutura de desejo transformada, o que Lacan chamou de “Desejo de Analista”. Não se trata de desejo de ser analista, de trabalhar com isso. A denominação “desejo de analista” indica que o desejo teve sua estrutura neurótica alterada para uma outra, só alcançada pela via da análise. É esse tipo de estrutura desejante que possibilita a escuta capaz de conduzir a análise de outro sujeito (o analisante) de modo a levá-lo a essa transformação desejante. Tornar-se analista é ato do analisante passando a analista. Ninguém, senão ele próprio, responde por esse ato inconsciente, do qual tampouco sua consciência é senhora. Daí a afirmação lacaniana: “o analista só se autoriza por si mesmo... e por alguns outros.” Isso implica que essa autorização não lhe vem de um diploma ou certificado. Ninguém tem legitimidade para decidir quem é ou não analista. No entanto, isso não caracteriza uma terra de ninguém. O que autoriza o trabalho do analista é primeiramente sua própria análise, cuja eficiência se prova em sua clínica. É seu trabalho que atesta e autoriza o analista. Autorizar-se por si mesmo é autorizar-se por seu trabalho, por sua clínica, por aquilo que está dado em seus analisantes. Em segundo lugar, o analista se autoriza pelo reconhecimento de seus pares, daqueles poucos com os quais ele convive no âmbito das instituições de psicanálise. Ou seja, não basta que ele se declare analista ou que julgue seu trabalho analítico, se isso não for reconhecido pelos pares. Um Napoleão que não é reconhecido pelos outros, não passa de um Napoleão de hospício.

Além da análise pessoal levada a esse grau de precisão, a formação do analista depende de uma sólida e consistente formação teórica, não como acúmulo de conhecimento, mas como reformulação de seu modo de pensar. **O ensino** de Lacan é formador do analista na mesma medida que a análise pessoal, uma vez que seu ensino é feito para reformular o modo de pensar, correspondendo, na dimensão da teoria, à transformação da estrutura desejante que a análise produz. Aqui, trata-se de abalar a cegueira intuitiva, convocando à volta por trás da estrutura, lá onde habita a lógica que sustenta a dimensão simbólica, onde a fala é som que se equivoca, duplo sentido, tropeço, enrugamento da palavra, criação de novo significante. Há que se testar sem fim a capacidade do analista de estar alerta para o novo, para o avesso do aparente. No que diz respeito à dimensão teórica, a formação é exercício contínuo, não acaba, não tem fim, uma vez que o estudo se faz no endereçamento ao outro, levado a cabo na transferência de trabalho. Ninguém é analista de uma vez por todas. Ser analista é ato a ser renovado a cada vez. O estudo constitui a transmissão continuada.

A reforma do entendimento que Lacan visa em seu ensino tem a finalidade de habilitar a escuta do analista na lógica em operação no inconsciente para que seu mais

além possa ser alcançado. Projeto ambicioso, que dá a verdadeira medida do manejo que está em jogo na clínica psicanalítica: uma clínica da fala que precisa ultrapassar os limites da lógica em ação na consciência. A lógica que comanda nossa fala consciente é a lógica formal aristotélica. Lógica de forte caráter intuitivo, apoiada na estrutura gramatical das frases, que convoca o sentido como eixo da comunicação. Seu exemplo clássico:

Todos os homens são mortais.

Sócrates é homem.

Logo, Sócrates é mortal.

Posicionado no registro consciente, o analista precisa ser capaz de escutar e intervir a partir da lógica em operação no inconsciente. Aqui não existe a gramática e a lógica que melhor lhe cabe é a lógica moderna, contra intuitiva, lógica matemática, feita de letras. Seu exemplo clássico:

$E = mc^2$.

A lógica da consciência serve à comunicação que se dá pelo intercâmbio do sentido. Ela sustenta as trocas intersubjetivas. Já a psicanálise é técnica **intrassubjetiva**. Na clínica analítica não se tem dois sujeitos interagindo. O analista ali, se bem posicionado, não conta como sujeito. O único sujeito em questão é o sujeito do inconsciente. Ele tampouco é a pessoa do analisante. O sujeito do inconsciente é o espaço que se abre entre o que se fala e o que se escuta, ele é corte, buraco onde a fala, ecoando, produz o novo. A lógica em operação no ato analítico inventa um sentido outro que permite escutar aquilo que no dito ficou esquecido por trás do que foi ouvido.

Esse trabalho de (trans)formação que o ensino promove, convoca a subjetividade inconsciente do mesmo modo que a análise. Aprender psicanálise não é acumular conhecimento. Trata-se de construir um saber. A pessoa acumula conhecimento, o sujeito do inconsciente inventa o saber em ato.

O fato de a formação analítica não se dar por via acadêmica, não significa que a formação acadêmica lhe seja inútil. Pelo contrário, quanto maior a formação acadêmica, mais ampla a perspectiva pela qual a subjetividade se expressa. Freud recomendava uma sólida formação literária, filosófica. Lacan, por sua vez nos lega a inegável evidência de que quanto maior o alcance do conhecimento, mais ferramentas o sujeito tem para a reconstrução teórica que de cada analista é esperada. A análise pessoal transforma a estrutura desejante de modo a instrumentalizar a escuta clínica que será guiada pela teoria a ser reinventada. Análise pessoal e estudo são partes integrantes do mesmo processo: a transmissão da psicanálise. Em ambos a subjetividade é convocada em primeiro plano.

O terceiro eixo da formação do analista é a **supervisão** de sua clínica. Supervisão não é sinônimo de ensino prático. Seria mesmo impossível um ensino prático da análise. Quando o supervisionando relata o caso ao supervisor, aquele ponto em questão, aquela fala do analisante, já passou e nunca mais se dará do mesmo modo, no mesmo contexto. Não é possível ensinar como intervir, pois a intervenção é ato da subjetividade em cena naquele momento transferencial específico e irreproduzível. Para o analista em formação, a supervisão faz as vezes de uma análise de sua prática clínica, para a identificação dos possíveis pontos cegos, ou surdos, que constituem impasses com os quais o analista pode se deparar e diante dos quais sua escuta emperra e a

análise não avança. O supervisor, como o analista, está situado para escutar o impasse daquela escuta e, se necessário, remeter o analista à sua própria análise para, ali, abordar aquele ponto que o está impossibilitando de escutar o analisante. Supervisão e análise pessoal, operam ambas na transferência, em ambiente privado e íntimo, em que o sujeito se dirige ao Outro como um sujeito-suposto-saber.

Além desses três pilares, creio que a formação exige um quarto, que aqui na ACP, chamamos de Seminário Clínico. Trata-se do **estudo de caso**, momento fundamental da formação, no qual os analistas articulam a teoria com sua clínica. Assim como no estudo, mas de modo muito mais preciso, o analista, a partir dos impasses ou mesmo dos achados de sua clínica, reinventa a teoria, agora em nome próprio, articulando conceitos com o vivo de sua clínica, sem repetição vazia de um conhecimento teórico. Esta é a hora de produzir saber. No Seminário Clínico, é o caso que o convoca a pensar a teoria e apresentar aos pares sua elaboração. A psicanálise nasce da clínica e assim ela avança na formação de cada novo analista. Do mesmo modo que o estudo teórico, o Seminário Clínico é atividade a ser feita com os demais da instituição. Essas não são atividades privadas como a análise pessoal e a supervisão. A transferência, nesses casos, é com a própria teoria, constituindo-se em transferência de trabalho, a se sustentar pelo endereçamento aos outros.

Análise pessoal, estudo teórico, supervisão e estudo de caso, são os pontos de apoio da transmissão da psicanálise. Formar-se analista é passar por uma transformação da estrutura neurótica desejante. Trata-se de atravessar o enquadre inconsciente do mundo subjetivo, transformando o paralisante desejar neurótico que expressa um gozo mortífero, num desejo que movimenta o gozo da vida. Nessa verdadeira odisseia da qual o desejar sai transformado, percorremos o longo e difícil caminho que nos leva de volta ao ponto de onde tínhamos partido. Retorno às obras seminais e retorno à nossa própria origem subjetiva, estudo e análise pessoal, verso e reverso de um longo percurso para o qual apenas nossa subjetividade nos serve de guia.

Dois ditos lacanianos: seus usos e abusos

Regina C C P Moran

Em 10 de junho de 1964 Lacan dizia sobre a formação dos analistas estar na ordem do dia, apontando que os princípios escapavam. Mais de meio século depois e ela continua na ordem do dia ainda com questões de princípios.

Dirigir-me a leigos no assunto, se é que aos participantes essa palavra se aplique em algum grau, aumenta minha dificuldade, pois exige trazer na fala o que se escreve em letras. Lacan nos fornece nessas letras e suas funções, seus matemas, pontos de ancoragem que evitam um deslizamento fugidio da transmissão de seu ensino. É da experiência que tive quando iniciei meus estudos de Lacan e, considerando a possibilidade de que aqui haja leigos, que eu, nesse caso, almejo despertar a curiosidade que os possa iniciar nessa aventura.

Minha incumbência recaiu sobre um conceito e um aforismo que ensejam usos e abusos devido aos enunciados induzirem facilmente ao erro, aliás em assuntos tão repisados como o Fort-da de Freud.

O conceito “desejo de analista” e a indução ao erro que mencionei é aqui evento esperado, trata-se de levar à equivalência o conceito com o desejo de ser analista.

O aforismo é um convite ao erro, trata-se de: “o analista não se autoriza senão de si mesmo” e a indução errônea é tomar essa frase como a de uma auto autorização, para além de necessária, suficiente.

Comecemos pelo desejo de analista. Querer ser analista, desejar ser analista pode ser a razão de alguns para estarem aqui hoje. Já foi falado sobre a Escola e sobre o tripé da formação, acrescentando o quarto elemento do estudo de casos.

Os dois pontos que vamos abordar estão intrincados na análise pessoal.

Então precisamos falar primeiro da análise.

A análise ocupa-se de um saber no qual consiste o inconsciente, desse saber dito inconsciente. A análise do ego é outra coisa, o ego é outra coisa e não trataremos de esclarecer isso hoje, ainda que haja muito a dizer sobre o ego. Apesar da análise do ego ser mais divulgada, e estar na base de tantas psicoterapias e métodos de autoajuda, o aforismo e o conceito os quais me proponho a introduzir, devo adiantar, dizem respeito ao inconsciente.

O inconsciente como substantivo, enquanto podendo instalar uma desarmonia numa insistente repetição que, de forma contingente, pode parasitar o funcionamento do sujeito no cotidiano. O sujeito que, ao mesmo tempo em que é o sujeito, funciona como dividido. Dividido em suas posições com relação à linguagem: o sujeito que fala, ainda que reivindique ser uno, está ligado a esse outro sujeito que é o do inconsciente e que

depende de uma outra estrutura linguageira, nomeada *alíngua*. É a descoberta do inconsciente! O sujeito não é sujeito senão do assujeitamento ao campo do Outro.

Alguns podem conviver com essa instância parasitária sem que isso resulte em um estado patológico. Para outros, a insistência desse saber manifesta-se por uma variedade de inconvenientes. Esse inconsciente não é um conhecimento, não está escondido para ser descoberto, o sujeito não o porta como a algo a descarregar. O inconsciente é um saber desarmônico, pois não é um saber do sujeito. Esse dele nada sabe e na preguiça nada quer saber. É para decifrar a instância da letra que fala pelo significante que a análise trabalha.

Não exclusivamente pelas razões citadas, mas também por elas, a confiança que o analisando deposita comporta a questão de como ela acontece, ou não. Dependerá do analista ser autorizado pelo analisando como sujeito suposto saber, mais um conceito que apenas tangenciaremos e pode ser lido de forma enganosa. Algumas técnicas propõem “o sujeito suposto saber” como tendo autoridade, oferecendo soluções rápidas ao menor custo, via produtos formatados, para grande parte dos “problemas” de ordem psíquica.

Entretanto vale adiantar que quando há sujeito suposto saber há transferência, e se esse sujeito já chega encarnado pelo analisante em qualquer pessoa, crença ou religião, então possivelmente o início da análise será dificultado. Preconceitos sociais, elementos do debate científico, uma certa confusão que existe no conceito do que seja uma análise, a grande exposição aos podcasts de analistas das mais variadas escolas contribuem nesse sentido.

Finalizando seu artigo, sobre o cognitivismo no antilivro negro da psicanálise, Leguil-Badal nos esclarece sobre a dialética criadora e a função do sintoma na psicanálise. Estar preso a uma fala primitiva que responde à alienação do sujeito pode interditar a abertura dialética, essa abertura em busca de um estado a inventar, dependente da entrega do analisando ao princípio da associação livre. Essa sempre muito paradoxal. O sintoma está longe de ser um problema lógico a ser resolvido, tratado, é dele que o analista parte para transformá-lo, tomando suas manifestações a serviço do saber que operará a transformação no sintoma que consiste em sair da alienação que o submete a dificuldades e a tudo aquilo que possivelmente ele levanta contra si mesmo. Esse fazer repetidamente o que se repudia em detrimento do não fazer o que se propõe realizar.

Não se trata de diagnóstico de estrutura neurótica histérica ou obsessiva, psicótica ou perversa, em cada caso o estado-alvo, ou a cura, não se inscrevem como normatizações, a saída da prisão do sintoma é tão singular como o é sua constituição.

No laço entre o analista e o analisando a confiança tem função indispensável. Esse autorizar-se falar tudo e entregar-se à associação livre, tomar o tempo, aguardar a construção dos tempos, renunciar à racionalidade de um discurso coerente... É na sua formação que o analista conquista um saber em torno do que essa confiança se desenvolve:

- Em torno de um saber por onde conduz seu analisando a um encontro, no qual há um retorno, esse retorno depende da experiência que só poderá ser transmitida ao analista na sua análise pessoal.
- Na sua análise pessoal é que a finalização dos retornos como analisando, que um chega, um basta poderá ou não inaugurar o desejo de analista. Sublinhando não se tratar necessariamente do desejo de ser analista, e tampouco de ser suficiente para tanto. A declaração de fim de análise pelo analisando, esse basta, não é garantia dessa passagem.

E é Lacan que nos dirá: “quem não está enamorado de seu inconsciente erra”. E sendo assim nos possibilita errar, pela primeira vez na história isto é recusar amar nosso inconsciente, pois, enfim, é um saber do tipo maçada. E para saber esse saber o analista deve passar por diferentes discursos. Esses discursos, Lacan os articulou e são tratados em um seminário, eles permitem diferenciar agentes da fala numa rotatividade entre a histérica, o mestre, o universitário e o analista. O desejo de analista é a chave de entrada no discurso do analista.

Para isso, sustentando-se nos pilares da sua formação numa escola que articulará essa função em que a escolha do analista, a escolha de o ser, não pode daí senão depender. E pela simples razão de que: se o analista não se autoriza que de si mesmo, ele não pode com isso que se autorizar de outros também. A ligação do saber que se inventa e do saber que se escreve na escola.

Lacan, sobre o saber inconsciente, que justifica a construção do conceito de *alíngua*, essa que quebra o silêncio que instaura uma desarmonia, fala não de um conhecimento, mas de um saber que se define pela conexão de significantes. Esse saber desarmonioso e escondido na conexão de dois significantes que servem para representar o sujeito um para o outro. O saber é esse que não se sabe, esse que a análise busca. O desejo de analista figura na passagem ao discurso do analista. É um discurso no qual o analista ocupa o lugar de agente, como causa de desejo, e recolhe do trabalho do analisando um saber da estrutura que ali ocupa o lugar da verdade. Isso permite ao analista convocar o sujeito na produção de uma emergência sincrônica. Essa onde ele se livra é também onde se depara com situações embarracosas. Como isso se dá? No funcionamento da estrutura de linguagem, enigmática, pois se articula dissociando as palavras de seu significado corrente.

Pela própria experiência de sua análise, e só por ela, a singularidade do pensamento inconsciente é um não saber do analista quando trabalha no deslizamento da demanda e do desejo, nesse funcionamento sincrônico de duas estruturas de linguagem: a corrente e *alíngua*. O analisando fala na gramática da primeira e o analista escuta preparado e ocasionando a emergência da gramática da segunda.

A análise em extensão espera no quesito de saber que seja um douto saber, para esse saber convergem o estudo pessoal e seu complemento na participação ativa na Escola, lugar de transferência de trabalho. Já a análise em intensão exige do analista, na sua prática, que esse saber entre em função na chamada douta ignorância. Essa

ignorância é um saber fazer como propiciar o reencontro para o analisando nesse lugar que já esteve em sua análise pessoal. Saber o que se está fazendo para alcançar um saber que não se sabe e nada se quer saber dele.

Assim é que na análise em intensão esse estado da doluta ignorância permite essa vivência da subjetividade que inclui o sujeito e o psicanalista, na experiência da transferência. É esse fenômeno essencial no trabalho de análise, fenômeno ligado ao desejo, desejo de analista, que lhe permite ser o agente de um corte interrompendo a relação de significante a significante, na produção do começo de um saber que é suposto.

Para concluir, o desejo de ser analista não autoriza senão engajar-se na formação via o tripé análise pessoal, estudos e supervisão, que pode resultar na mudança de sua estrutura desejante. Trata-se então da travessia do fantasma do fim da análise a inaugurar o desejo de analista. Essa travessia então está na gênese da primeira parte do aforismo: o analista não se autoriza que de si mesmo. Mas, vem a segunda parte: ele não pode com isso que se autorizar de outros também. Para sinalizar essa segunda parte entra o dispositivo do passe.

Referências Bibliográficas:

LACAN, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Seminário 21, Les non-dupes errant*. Inédito (1973-1974)

_____. (2005). *Meu Ensino*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. (2001). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise (1964)*. Livro 11. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Seminário 17, O Avesso da Psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LEGUIL-BADAL, C. *Sur le cognitivisme*. In: L'Anti livre noir de la psycanalyse, sous la direction de Miller, J.A. Éditions du Seuil, 2006.

Passe- Sobre o pertencimento

Patrícia Ribeiro Possato

O Passe foi proposto por Lacan como um dispositivo para as Escolas assegurarem-se da formação dos analistas (1). Testemunho de passagem de analisante a analista, do percurso próprio e específico de cada um. Dá prova do Ato psicanalítico. A psicanálise pura é a que tem como “produção” UM analista. Discurso do analista operando. Se para Lacan os “Analistas Didatas” só podem ser reconhecidos a posteriori; se formam-se analistas em seus divãs, então ele mesmo é um analista. Importante para se ter notícias em atos dos associados clínicos das Escolas.

Em analogia, numa “cadeia significante”: passes, escritos, produções, seminários, representam a Escola para um outro “significante” indicando a Escola. Interessante visto que só pede o passe quem se interroga sobre a formação, quem se enlaça **numa** Escola. De uma pertença; de um pertencimento que se trata, entre “outros”.

Pelo seu aspecto disruptivo, per si, o Passe coloca os passadores e a Escola a se interrogarem, a se surpreenderem, a se emocionarem, a se sensibilizarem pelo sofrimento humano e pelos desdobramentos da Análise. Que através da condição transformadora da Psicanálise nunca percamos o entusiasmo, a surpresa, sempre diferença (marco da subjetividade). Nesse sentido, é pela Transferência de trabalho que surge o mote, a mola de desejo de, desejo que move, sem nome, em movimento, puro objeto a.

Pedido de mudança de Grau que aqui representa um degrau, um lugar que o/a analista ocupa naquele momento e deseja responder por ele dentro de uma Escola. Fora disso seria busca de reconhecimento imaginário. O analista que quer testemunhar sua passagem viveu um esvaziamento em muitas e muitas camadas trabalhadas. De um sujeito prevenido que se trata (2)

Do lado da Escola, escutar os testemunhos é um privilégio: riqueza de significantes rearranjados, afetos realocados, ser transformado (des-ser). Oportunidade.

Que a centelha poética (3) que opera esteja sempre presente, como um presente.

Poesia de mim

Quando o corpo amolece

A alma esmorece

Não sei

Escrevo

Ando ao redor de mim

Ando abrindo um caminho

Sinto uma sensação estranha

Me vejo

Quase quero me pegar
Estender o braço
Alcançar com a mão
Num ser dividido pus flores
E reguei com lágrimas
E me colhi

Choro
Choro e penso
Penso e sinto
Sinto meu corpo
Sinto meu dia
Escolho um lugar
Me sento

Olho e escrevo
Escuto o vento

Referências Bibliográficas:

- Lacan, J. *Acte de Fondation, Ornicar? e Ato de Fundação - Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor
- Lacan, J. *Seminário XV - Ato Psicanalítico*, Inédito
- Lacan, J. *A Instância da Letra no Inconsciente*. Escritos, Jorge Zahar Editor

Fim da análise

Walkiria Helena Grant

Existem várias maneiras de abordar o fim de uma análise. Podemos falar do fim de uma análise, por exemplo, do ponto de vista do término, de um fim de encontros entre analista e analisando que se propunham analisar um relato de sonhos, de vivências das falas de um passado remoto que ainda retumbam no presente... Mas, o que buscaremos aqui é focar a questão do fim de uma análise do ponto de vista de um término, marcando uma interrupção de encontros entre o analista e o analisando.

Freud, no fim de sua vida, escreve “Análise Terminável e Interminável” em 1937, e, com este título, indica-nos um fim que poderia ser um não fim... análise interminável... Poderia haver um retorno destes encontros entre analista e analisando...

Retomemos a questão de fim de análise. Existem mais de uma maneira de abordar o fim de uma análise: podemos falar de fim de análise de um ponto de vista de um texto analítico, acabo de escrever a apresentação do texto que lerei amanhã sobre o fim de uma análise, pode ser um depoimento sobre o meu fim de análise, pode ser um questionamento sobre se existe, ou não, um fim de análise...

Numa perspectiva prática, o fim de uma análise ocorre quando analista e analisante não mais se encontram.

Haveria parâmetros que pudessem balizar o fim de uma análise?

O “Passe” foi um dispositivo articulado pela Escola Lacaniana, quando o passante faz um depoimento sobre sua história de vida jogando luz sobre significantes que marcaram sua história, eu diria significantes-nós, significantes cristalizados que mantinham o sujeito e seu sintoma-sofrimento como uma dor petrificada!

Passar pelo passe é fazer um depoimento diante de pares capazes de escutar as mudanças vividas em uma vida, marcada a ferro e a fogo, em carne viva!

Ter tido a oportunidade de entrar em contato com a “obra freudiana”, e, mais tarde, com a “lacaniana”, não foi sem consequências na minha vida, na minha formação como sujeito desejante! Ler, pescar algo do passado, rever, reescrever... Mais do que isto, *viver o processo de análise*, motor fundamental de movimentos e mudanças!

Desejo pescado num mar revolto de dores e sofrimentos que buscavam uma direção. Minha análise começava...

Meu nome foi escolhido para ser “Walkiria Helena” porque não nasci como o falo desejado, o menino, o Wagner Roberto – tão esperado pelo meu pai. Carreguei o “W” como a marca do que eu não era... O que eu podia era manter o cabelo curto, corte “Joãozinho” que por um tempo eu deixei existir... isto deixava meu pai feliz!

E eu? Menino eu não podia ser, mas podia ser a primeira aluna da classe... Estudava muito, amava ler, visitar novos mundos, via leituras!

Recebia medalhas no final do ano que nunca foram valorizadas por ele! Eu não conseguia encarnar o “falo-menino tão desejado”. Minha mãe ocupava o lugar de plateia!

Esta família nuclear - pai, mãe, duas irmãs e eu - vivia em torno do estudo e da costura... o pai, trabalhando muitas horas fora de casa... E para mim, sempre que um retalho de pano caía no chão, era a dica para inventar uma roupinha para minhas bonecas!

Cresci ouvindo a musicalidade da língua árabe, língua usada entre minha mãe e a família nuclear dela: a dança era partilhada, mas não o significado das palavras! Eu e minhas irmãs ficávamos assistindo, de fora, àquela conversa entre a minha mãe e sua família...

Língua cifrada, lugar de não pertença... Vivência de ser de fora, de fora do grupo familiar!

E a língua, como código, volta a ocupar um lugar de destaque na minha vida: não aqueles significantes dos quais eu nada entendia, aqueles significantes que me colocavam na posição de exilada, mas agora no lugar de laço amoroso... a musicalidade da língua inglesa se fez laço... atou nós... o árabe, o inglês, o português!

Esta vivência de “estar fora” foi marcante na minha vida, e uma corrida para alcançar o “bonde da pertença”, aquele que permitiria um laço familiar era sempre desejado! Mais tarde, entrei muitas vezes em círculos que partilhavam uma língua na qual eu não era fluente, mas a dor “de não pertencer” foi-se embora! Pescava um significante aqui, outro ali, o suficiente para estar junto, para participar de uma reunião entre pares...

Num salto no tempo, retomo o final de minha análise: tive um sonho... estava numa floresta, muitas árvores, flores, cantos de passarinhos..., mas eu via esta floresta “de fora”, eu assistia àquele mundo maravilhoso.

Agora, relato meu último sonho, que marcou o final de minha análise!

Neste sonho eu carregava uma moldura à frente do meu rosto... Eu enxergava o mundo através da abertura delimitada por aquela moldura, que eu carregava na mão. E, o que eu via era um mundo lindíssimo... Flores cobrindo um campo enorme, árvores, coelhos, borboletas... E eu, segurando aquela moldura e querendo explorar aquela beleza... De repente, descobri que eu podia jogar aquela moldura fora... Ainda hoje tenho a lembrança do gozo explosivo que vivi naquele momento! Pura liberdade!

Mais do que isto! Hoje posso dizer que eu não nasci como o falo desejado para o meu pai, carreguei a marca do “W” que se fez Walkiria, e pude ser reconhecida e valorizada pelo meu percurso de vida.

O PASSE: MARCO DE MUDANÇA

“O Passe” como um procedimento de marco de mudança de grau, diante dos pares de nossa Instituição Psicanalítica – ACP -, Escola Lacaniana, merece ser cuidadosamente estudado, com vistas à elaboração de um caminho que ateste, para nossa Escola, o reconhecimento desta solicitação! Ou seja, que possamos estabelecer diretrizes que sejam suficientemente balizadas para que os passadores reconheçam, naquela solicitação particular, se aquele pedido carrega um “saber fazer” demonstrado nas instâncias da Escola.

Se uma análise chega ao fim, produz um sujeito transformado, um ANALISTA. Isto não quer dizer que este sujeito opte por ser um analista enquanto profissão. Esta transformação ocorrida no processo de análise acarreta um desejo novo, um desejo de analista.

Num dispositivo oferecido pela Escola, o passante testemunha um **romance de mudança...**

Viver o testemunho do passe, diante dos passadores, é atestar a possibilidade de transformação, de reescrita possível de um destino que vinha sendo talhado a ferro e a fogo, em brasa quente...

Com Vandré, destaco a importância do fim de uma análise, do fim necessário que ressignifica, que junta fios e que redesenha uma história de vida...

“Vem, vamos embora, que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora

Não espera acontecer...”

Sobre meus passos

Simone Teller Camargo

Ao pensar sobre a questão da formação do psicanalista para a atividade inaugural de 2021 da Associação Campinense de Psicanálise, voltei-me para a minha história, a minha formação e o percurso que venho seguindo nesta Escola.

Meu primeiro contato com a psicanálise foi na universidade, aliás, foi com a psicanálise lacaniana e logo, também, com a ACP, já que um membro desta havia desenvolvido um trabalho por lá e ainda ouvíamos falar sobre ele. Minha graduação foi em Psicologia e, um ano após seu término, cheguei por aqui.

Comecei a frequentar a ACP em 2006 participando de leituras e seminários, e ao final de 2008 decidi fazer o pedido para me tornar Membro Optante.

Neste mesmo ano, em um texto publicado em “aCarta”, cujo tema era a formação do analista, nossa colega, hoje não mais associada à ACP, Renata Falivene, levantava questões importantes sobre a formação do psicanalista e trazia notícias das formações dos analistas em andamento na Escola e uma dessas notícias foi o meu pedido de formação e suas especificidades. O texto a que me refiro se chama “Giro de perspectiva: Da formação do analista às formações de analistas”, e ao fazer esse resgate histórico em busca do meu percurso e sobre como acontece a formação na ACP, encontrei o texto da Renata, ela nos diz:

[...] não digo que a instituição se responsabiliza pela formação que oferece, o que seria equivocado, como se isso se pudesse oferecer, mas que tem sua responsabilidade na medida em que participa dessa formação, seja propondo leituras, seminários, carteis, discussões clínicas, seja ratificando enfim a participação de seus membros nos dois graus de analistas. (Falivene, aCarta, 2008, p.18).

Tendo a questão de como se forma um analista e pensando como a ACP pensa esta formação, meu primeiro questionamento é sobre o próprio termo: formação.

A formação é um termo que pode nos induzir a confusões, já que dele podemos entender que há uma forma, um caminho a ser perseguido para se chegar à formação, um currículo, e, ao final deste, estaríamos prontos a analisar, a abrir um consultório, e não se trata disso.

A formação começa com a responsabilidade de escolher a Escola que quero frequentar, e à qual quero me associar, o seminário ou a leitura de que vou participar, quando escolherei ler tal livro, ao escolher um supervisor, ou deixar de escolher. A formação se faz a cada passo.

Em 2008 então me responsabilizei pela minha formação, estando em análise e supervisão e participando de seminários e leituras. Após um período recebi o meu primeiro paciente, e estou em formação desde então.

Quando Lacan (1967, p.248), em sua Proposição de 67, nos diz que “o psicanalista só se autoriza de si mesmo” e mais tarde reformula novamente o princípio da formação do analista e acrescenta “e por alguns outros” (LACAN, 1970), ele nos diz que o analista se autoriza por si mesmo em sua análise pessoal, é no divã que isso acontece, e Freud nos diz que análise pessoal é o modelo de toda formação. Por alguns outros, ele se refere ao ensino teórico e à supervisão, às trocas, aos laços, aos laços que eu fiz nessa Escola.

Do que se trata esta formação do psicanalista então senão de treinar algo, de absorver os conceitos, de adquirir conhecimento? O que é esta formação?

A formação é uma (trans)formação, prefixo que significa além de, para além de, é para além da formação, a formação do psicanalista é para além da formação, um atravessamento. É uma tradução dos conceitos para nossa própria linguagem, nossa própria língua, lalíngua, que ao ser transmitida, ela faz laço, a (trans)formação se dá pelo contato.

Se não podemos transmitir a psicanálise como qualquer outro saber, se ela questiona a própria função de saber para o sujeito, se o psicanalista não transmite um saber e sim uma relação do sujeito com o saber que escapa, se a formação do psicanalista é um trajeto ético e não normativo, que não vai passar obrigatoriamente por algum curso específico, por certificados, mas é uma experiência de cada um fazendo com a sua falta, com a sua castração e com a formação do seu desejo de psicanalista, então como alguém se forma analista? Sabemos que não é pela via do diploma, da identificação com um mestre, muito menos por uma decisão de auto engendramento.

Voltando ao meu percurso, estava há algum tempo como Membro Optante em formação, em (trans)formação, e, reconhecida primeiro por outros pares da Escola, me autorizei, em minha análise, a dar outro passo, pedi então a mudança de grau para o de Analista Praticante, grau em que hoje me encontro.

Em minha formação incluo mais um pé, no tão conhecido tripé da psicanálise: a análise pessoal, o estudo teórico e a supervisão da prática clínica, meu quarto pé: a transmissão da psicanálise.

Quando me autorizei a tomar a palavra, reconhecida por alguns outros a produzir uma articulação entre minha análise pessoal e os conceitos, entre o ensino teórico que me propunha a responsabilizar, minha formação se transformou. A (trans)missão é mais além do ensino, mais além da aula, ela é a articulação do saber da psicanálise com o não saber da experiência analítica, o saber é transmissível graças ao fato de que permanece parcialmente escondido, permanece parcialmente velado.

No momento em que o psicanalista transmite a psicanálise, ele faz uma travessia da teoria, não a travessia do fantasma que acontece em sua análise pessoal, de onde vem sua posição de analista, mas desse real que escapa o tempo todo e cuja teoria é uma tentativa de simbolização. Se a travessia do fantasma tem um fim, se a análise tem um fim, a travessia da teoria é um trabalho interminável, ela tem uma consistência que nos impede de a atravessarmos definitivamente. Não terá sido este o trabalho de Lacan, atravessar a teoria freudiana?

Cada um que pede uma formação vai precisar lidar com a responsabilidade que se cria para si mesmo. Essa prática fundamentada no desejo é uma decisão a qual não é possível habitar sem dela dar provas, o analista tem o dever ético de dar provas. É preciso concretizar trabalhos, ocupar entre pares o lugar de pertença, ter o

reconhecimento entre pares, o reconhecimento deste desejo. É um projeto de vida dedicado à psicanálise.

A formação é uma experiência singular na qual cada um cria, a sua maneira, na sua língua, a psicanálise. A transmissão do saber cria as condições para que o saber seja, ao mesmo tempo, recebido e produzido. Resta a parte intransmissível, que não pode ser transmitida por não se encontrar lá onde se acredita estar.

Neste ano passado de 2020 tivemos um ano atípico, saímos da charmosa casa na 14 de dezembro e cada um falou da sua. E como pensar a formação neste momento?

A ACP está na internet, e nela está, diariamente, em nossas redes sociais, nos sites, nos vídeos no youtube, podcasts, lives, a crescente oferta de cursos que se dizem “formadores de psicanalistas”, vou chamá-los de cursos prêts-à-porter, prontos para vestir. Cursos rápidos, que garantem ao “consumidor do produto” satisfação ou seu dinheiro de volta, ou a troca por qualquer outro que lhe interesse, que lhe sirva melhor.

Chama-me atenção a oferta, pois eles estão sendo ofertados, e entendo que a formação do psicanalista acontece de maneira reversa, é o **pedido** de formação que (trans)forma, e não a **oferta** da formação, o pedido de formação que acontece em um tempo já sendo percorrido. Esses cursos seduzem por um currículo a ser cumprido e pronto, nenhum trabalho e saiu um psicanalista certificado, com uma promessa do pote de ouro ao final do arco-íris.

Se a (trans)formação do analista depende de ele dar provas de seu desejo e de se responsabilizar por ela, como pode ser possível uma formação em que alguém se responsabilizou por ditar um percurso? Quem pode se responsabilizar por isso? Como é possível certificar? Parece-me uma formação dentro de uma “forma”, uma tentativa de não lidar com o real, com a castração, de nada precisar fazer com sua falta, nem saber dela, uma formação para não lidar com a psicanálise.

Quanto ao meu percurso? Sigo dando meus passos...

FALIVENE, R.H. *Giro de perspectiva: da formação do analista às formações de analistas*. Informativo da Associação Campinense de Psicanálise, aCarta, n.6, p. 17-19, dez/2008.

FREUD, S. (1910a). *As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

LACAN, J. (2001). *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248.

_____. *O*

Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. (1973-74). *O Seminário, livro 21. Les non-dupes errant*. Inédito.

ASSOCIAÇÃO CAMPINENSE DE PSICANÁLISE

ADMINISTRAÇÃO

Presidente: Lucia Bertazzoli

Vice-Presidente: Simone Teller Camargo

Secretaria: Regina Steffen

Vice-Secretária: Walkiria Helena Grant

Tesoureira: Alessandra Tegani Carieri

Vice-Tesoureiro: Terrence Edward Hill

COMISSÕES

Comissão de Acolhimento

Regina Steffen

Walkiria Grant

Regina Moran

Comissão de Biblioteca

Francisco Capoulade

Elaine Ap. Canella

Fabiola C. Biasi

Comissão Divulgação

Lucia Bertazzoli

Regina Steffen

Simone Teller Camargo

Comissão de Ensino

Lucia Bertazzoli

Regina Steffen

Simone Teller Camargo